

## REFLEXÕES SOBRE A MULHER, A ESCOLA E A VIOLÊNCIA NA SOCIEDADE CAPITALISTA

*Reflections on a woman, and school violence in capitalist society*

*Réflexions sur la femme et violence à l'école dans la société capitalist*

Veralúcia Pinheiro<sup>1</sup>

Universidade Estadual de Goiás

**Resumo:** No presente artigo discutimos a participação feminina em conflitos violentos na escola. A partir de narrativas de estudante e de professoras de uma escola pública estadual de Anápolis/GO procuramos analisar as ideologias disseminadas por toda a sociedade sobre a atual existência de uma igualdade entre os sexos. O diálogo com os autores consultados aponta para a desmistificação desse discurso ora dominante, chamado de “pós-moderno”, cujas ilusões mais evidentes consistem em acreditar que o centro hegemônico do mundo ocidental, não é mais o homem, branco e heterossexual prevalecendo agora, as identidades “múltiplas” e “flexíveis”, as quais trazem em seu bojo a questão da emancipação feminina. Todavia, a realidade nos mostra que as mulheres são as principais vítimas do atual desenvolvimento capitalista.

**Palavras-chave:** Escola. Violência. Gênero.

**Résumé:** Nous discutons dans cet article la participation féminine aux violents conflits à l'école. A partir des narratives d'étudiant et de professeurs d'une école public d'Anapolis à l'état de Goiás, nous cherchons analyser les idéologies disséminées par toute la société sur l'actuelle existence d'une égalité entre les sexes. Le dialogue avec les auteurs consultés indique la desmystification de ce discours dominant, appelé « postmoderne », dont les illusions les plus évidentes consistent à croire que le centre hégémonique du monde occidental, n'est plus l'homme blanc et hétérosexuel en prévalant à présent les identités « multiples » et « souples » qui apportent la question de l'émancipation féminine. Cependant, la réalité nous montre que les femmes sont les principales victimes de l'actuel développement capitaliste.

**Mots-clés:** École. Violence. Genre.

**Abstract:** The main goal of this paper is to discuss the growth of female in violent conflicts at high schools. From the short stories by students and teachers at specific public high school in Anápolis/Go. In this way we look for analyse the dissemination the discourse of the equality ideology about both genders on the contemporary society. The dialogue with the Theorics consulted show us the desmistification into that discourse now dominant and called “postmodern” whose most obvious ilusion is to believe that the western world is a hegemonic centre and now prevail the “multiple” and “flexive” identifics instead of white and heterosexual man. Só, it refletes the

---

<sup>1</sup>Doutora em Educação pela Unicamp. Professora e pesquisadora na Universidade Estadual de Goiás, Unidade de Ciências Sócio-Econômicas e Humanas de Anápolis. Atualmente atua em cursos de Graduação e no Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias - MIELT. E-mail: pinheirovp@yahoo.com.br

question about female emancipation. However, the reality point us that woman is the principal victim of the capitalist development.

**Key words:** School. Violence. Genre.

## Introdução

Nossa pesquisa sobre a participação feminina em conflitos violentos no espaço escolar foi realizada em um colégio da rede pública do Estado de Goiás, no município de Anápolis. Em 2013, este colégio, localizado em uma área próxima ao centro da cidade, atendia 978 (novecentos e setenta e oito), alunos e alunas entre o 6º ano do ensino fundamental e o 3º ano do ensino médio, provenientes de 83 (oitenta e três) bairros da periferia da cidade. Os conflitos entre os estudantes, com destaque para as meninas, eram comuns no cotidiano dessa escola, e não raro a direção da escola acionava a polícia ou o conselho tutelar na tentativa de solucionar os conflitos<sup>2</sup>. Desse modo, o objetivo principal da pesquisa foi analisar as relações que dizem respeito ao envolvimento das meninas em situações violentas.

Os meios de comunicação em geral têm dado ênfase tanto ao aumento da brutalidade das ações conflituosas nas escolas como também à participação cada vez mais nítida das meninas, dado que se contrapõe ao senso comum que credita aos homens e não às mulheres, uma “natureza violenta”. Por isso, buscamos conhecer as concepções dos próprios alunos, especialmente das alunas, dos professores e dos coordenadores pedagógicos sobre o fenômeno em pauta, no intuito de compreender se as atitudes violentas dessas meninas representam uma ruptura com um passado patriarcal<sup>3</sup> ou ao contrário, suas ações e atitudes acabam por reafirmar os mesmo valores que desde sempre sustentaram a sociedade capitalista.

Ora, o debate sobre as diferenças de gênero, assim como outras diferenças culturais, sexuais ou de raça agregou no mundo contemporâneo, especialmente no âmbito da academia, argumentos aparentemente críticos, todavia uma observação mais atenta nos

---

<sup>2</sup> Em 2014, a gestão do colégio pesquisado foi transferida para a Polícia Militar (PM) do Estado de Goiás, sob o argumento de que tal mudança responde a um anseio da população que reconhece os esforços empregados com a disciplina e os valores transmitidos pela coordenação da PM.

<sup>3</sup> Concordamos com a tese defendida por Scholz (1996), segundo a qual o conceito de patriarcado historicamente encontra-se vinculado ao conceito de domínio masculino, cuja essência se baseia na institucionalização e na internalização de normas sancionadas pela sociedade. Nessa perspectiva, as diferenças entre os sexos são produtos da cultura, e, nada tem a ver com dados biológicos.

mostra que essas críticas são na realidade essencialmente conservadoras. Nelas, os argumentos ignoram que, em relações sociais mediadas pela mercadoria o que importa é reproduzir de uma forma ou de outra a produção e a circulação do dinheiro. Portanto, se for preciso garante-se as tradições com suas instituições baseadas em processos hierárquicos, ao mesmo tempo em que se promove uma adequação dos discursos, os quais representam velhas situações com uma nova roupagem, preservando todos os mecanismos de reprodução das antigas práticas repressivas e discriminatórias.

Para os intelectuais que se vinculam às teses sobre o fim da modernidade, a continuidade do patriarcado no mundo ocidental seria algo relativo, uma vez que os conceitos na visão da pós-modernidade<sup>4</sup> tendem a perder rigidez e, adquirem leveza, tornando-se sugestivos e fúteis. Assim, o machismo e outras formas de violência contra a mulher embora se mantenham com a mesma crueldade do passado, como identificou Scholz (2004), são analisadas na maior parte das vezes apenas ao nível fenomenológico, e quase sempre oscilam livremente do ponto de vista metódico e metodológico. Emergem dessa maneira, as contingências, ambivalências e contradições, tudo precisa ser construído e não deve passar de mero produto da linguagem, do discurso, das mídias etc. Por tudo isso, aqueles que se vinculam a essa concepção, acreditam que a sociedade capitalista pode perfeitamente existir sem a supremacia do homem. Consideram, portanto, que o homem branco, ocidental e heterossexual não constitui o centro dessa sociedade, enfim, que esse mundo é para todos. Giddens (1993), por exemplo, considera que o movimento feminista na contemporaneidade foi fundamental para a constituição de uma política emancipatória, além de contribuir para assegurar os direitos de igualdade política e econômica, colocando em questão os elementos constitutivos das relações entre homens e mulheres. Inferimos assim, que para o autor é possível haver igualdade na sociedade capitalista.

Contrapondo-se a essa perspectiva de análise, Scholz (1996), nos mostra a impossibilidade da sociedade burguesa garantir qualquer processo de igualdade ou liberdade em seu bojo. Segundo a autora, os movimentos sociais desencadeados nos anos

---

<sup>4</sup> Para Eagleton (1998, p. 7), pós-modernidade é uma linha de pensamento que questiona as noções clássicas de verdade, razão, identidade e objetividade, a ideia de progresso ou emancipação universal, os sistemas únicos, as grandes narrativas ou os fundamentos definitivos de explicação. Contrariando essas normas do iluminismo, vê o mundo como contingente, gratuito, instável, imprevisível, um conjunto de culturas ou interpretações desunificadas gerando um certo grau de ceticismo em relação à objetividade da verdade, da história e das normas, em relação às idiossincrasias e a coerência de identidades. Para o autor, tal maneira de ver o mundo, emergiu da mudança histórica ocorrida no Ocidente para uma nova forma de capitalismo – para o mundo efêmero e descentralizado da tecnologia, do consumismo e da indústria cultural, no qual as indústrias de serviços, finanças e informação triunfam sobre a produção tradicional, e a política clássica de classes cede terreno a uma série difusa de “políticas de identidade”.

1970 e 1980 reagiram de modo contundente contra o caráter anônimo e abstrato das relações sociais. Pois, os temas abordados pelos movimentos deste período, nos mostra a importância que era dada às lutas contra as demandas patriarcais que a sociedade impunha à mulher. Portanto, quanto mais coisificadas as relações humanas, ou seja, quanto mais desenvolvidos os valores patriarcais, mais enfáticas serão as possibilidades de rompimento com tais valores, uma vez que na atualidade já não se apresentam com a mesma evidência de antes, no que diz respeito ao relacionamento homem-mulher.

Além disso, para nós, as diferenças entre homens e mulheres no que se referem às atitudes violentas assim como a discussão acerca da participação das meninas em conflitos no espaço escolar têm como pressuposto mudanças no processo de socialização das mulheres antes voltadas prioritariamente para a submissão. Todavia, muitas vezes, os próprios movimentos sociais ao invés de considerar o dado da socialização, corroboram ideias segundo as quais a mulher é um ser natural mais pacífico e emocional do que o homem.

Precisamos sempre nos lembrar de que o capitalismo não é um simples sistema econômico, mas uma relação social, por isso, o Estado e as instituições modernas como a escola, a ciência, o direito etc. integram seu universo. Desse modo, apenas no âmbito das aparências prevalecem funções contrárias em esferas que se apresentam separadas, na realidade elas representam as duas faces da mesma moeda. Segundo Vogele (2007), política e economia, Estado e mercado, poder e dinheiro, planejamento e concorrência, trabalho e capital, teoria e prática constituem um sistema de polaridades dinâmicas, porém inimigas e como tal, encontram-se em uma contínua e destrutiva batalha, embora formem os dois lados de uma mesma identidade. Para a autora, o sistema capitalista, com seu fetichismo já não produz processos de dominação pessoal, baseada na submissão direta, ao invés disso, o indivíduo internaliza hierarquias que representam concepções coercitivas. Liberdade e igualdade são princípios abstratos, pois, permanecem nas sociedades liberais condições de seleção e reconhecimento para identificar os sujeitos e os classificar. O universalismo ocidental é um universalismo exclusivo primeiro para aqueles que podem pagar e em seguida para aqueles que internalizaram os imperativos da ordem. Estes imperativos dizem respeito à dupla identidade do indivíduo nesta sociedade, ou seja, como *homo economicus* e *homo politicus*.

Ora, na ordem simbólica do patriarcado, cuja base é a produção de mercadorias, a política e a economia são atributos do homem; a sexualidade masculina, por exemplo, é definida como individualista, agressiva, violenta; já as mulheres, pelo contrário, são

definidas como meigas e maternais. O homem é visto como ser humano que domina e submete a mulher, esta por sua vez, é vista apenas como objeto. A guerra tem conotação masculina; as mulheres, inversamente, são tidas como disponíveis para a paz, passivas, sem vontade, estúpidas. Por isso, o envolvimento das meninas nos conflitos nega essa ordem simbólica, vejamos como as alunas da escola pesquisada relatam essas mudanças de atitudes das mulheres:

as meninas brigam por causa dos meninos e brigam mais do que eles. A última briga que teve aqui no colégio foi tão violenta que a menina saiu desmaiada. Tudo começou dentro da sala de aula, daí uma das meninas chamou a outra pra fora, então elas foram para o banheiro. Uma delas já chegou batendo na outra, tudo por causa de fofoca [...], fizeram boletim de ocorrência, corpo de delito, mas como sempre não deu em nada, nunca dá nada. (Grupo Focal n. 2, 2013).

Enquanto as alunas ressaltaram conflitos decorrentes das fofocas, da competição pela atenção dos meninos além de outros motivos para as atitudes violentas, decorrentes, muitas vezes da própria burocracia escolar, os professores localizam as causas dessa violência na família:

Uma questão que nos incomoda é a indiferença dos pais. Eles trabalham muito e não acham tempo para os filhos, para educá-los. Os papéis estão sendo invertidos. Tá se perdendo o valor da família, que está deixando muito a desejar. Deixando tudo para nós, sobrecarregando a escola, e com isso a criança fica meio que abandonada pelos pais. Pois a maior responsabilidade deveria ser deles. Então, se os pais não passam para as crianças uma boa formação de caráter, acaba que um dia, por um motivo qualquer, ele vai desenvolver atitudes de violência na sociedade. Tudo isso por falta de tempo e responsabilidade dos pais, que estão deixando a desejar, pois antigamente a educação era diferente. Hoje está muito solta, entregue a sorte do mundo. Não está tendo compromisso dos pais. As famílias não tem estrutura, são carentes, tanto alimentar, como estrutura de ações dentro de casa, que não se vê... Não dá tempo mais nem de fazer carinho no filho. Falta muito lá fora, na família, e acaba refletindo dentro da unidade educacional. (Entrevista com Professora).

A atual desintegração da família nuclear tradicional provocou o esfacelamento das relações de gênero que marcou nosso passado recente. Em muitos aspectos, as mulheres são colocadas em igualdade com os homens. Contrapondo-se ao antigo ideal de mulher dona-de-casa, as mulheres agora, são responsáveis tanto pela profissão quanto pela família. No entanto, como nos mostrou Vogele (2007), elas permanecem como principais responsáveis pelas atividades domésticas, inclusive e principalmente pela criação dos filhos, continuam a ganhar menos que os homens, têm menos oportunidades de ascensão etc.

Portanto, na chamada era da globalização as mulheres precisam lidar não com a abolição do patriarcado, mas com seu embrutecimento, uma vez que as instituições trabalho e família se diluem cada vez mais na crise do sistema capitalista, sem que outras formas de reprodução sejam colocadas em seu lugar.

Fica evidente, portanto, que a modernização das relações capitalistas de modo algum atenuou o patriarcado, ao invés disso, o agravou. Segundo Kurz (2000), a economia capitalista foi responsável pela separação extrema entre homens e mulheres, pois, não havia nas sociedades pré-modernas uma divisão rigorosa entre a produção de bens e as atividades domésticas. Por isso as atribuições sexuais também não eram tão homogêneas; as mulheres tinham o seu próprio lugar na produção agrária e artesanal. Mas, a moderna economia de mercado, transformou a produção de bens em uma esfera economicamente autônoma de maximização empresarial abstrata do lucro e, com isso, num aspecto central da esfera pública burguesa dominada pelo sexo masculino.

Mesmo sendo significativo o número de mulheres na esfera pública burguesa, tanto em atividades remuneradas da área econômica quanto na política, na cultura etc., o estigma de sua depreciação sexual ainda perdura também nesses âmbitos. Uma mulher com profissão ou politicamente ativa não se livra totalmente das marcas sociais que lhe são imputadas pela cultura dominante masculina. Além disso, nessa sociedade cabe à mulher a cota maior de responsabilidade pela criação dos filhos, pela transmissão dos valores e do afeto, nesse sentido, mesmo quando se refere à família, as críticas da professora citada na entrevista são dirigidas especialmente às mães.

Kurz (2000), nos alerta para os limites de um movimento feminista que se contentou em exigir ‘direitos iguais’ da sociedade capitalista. Para o autor, tal movimento tornou-se impotente diante da forma fragmentada de nossa vida social, tanto que os apelos para que os homens participassem em condição de igualdade das atividades e condutas desenvolvidas no interior da vida privada e familiar foram praticamente inúteis. Essa situação se agravou diante da própria visão feminista que cada vez mais se limita à esfera político-econômica. Agora a emancipação feminina já não é medida pela mudança dos homens no espaço privado, mas pela mudança das mulheres no espaço público. O modelo pós-moderno não é mais a mulherzinha meiga e frágil, mas o tipo forte, ou melhor, o tipo andrógino da mulher de carreira. Ao lado da loura oxigenada, da *vampe* da mãe dedicada, dona de casa exemplar, surge também a mulher de negócios que atua no mundo financeiro, aplica na bolsa e que semelhante ao modelo masculino, passa por cima de tudo e de todos.

Desse modo, quando uma menina, estudante do ensino fundamental ou médio, recorre à violência para defender a exclusividade das atenções do namorado ou por qualquer outro motivo, ela o faz não apenas porque sua família está desintegrada e já não é a mesma família idealizada pela burguesia, como acreditam os professores, a mídia etc. Mas, porque a violência, como analisou Costa (1986), invadiu todas as áreas da vida de relação dos indivíduos: relação com o mundo das coisas, com o mundo das formas, com seu corpo e sua mente. Nas entrevistas com o grupo de meninas na escola investigada essa invasão da violência ficou evidente na fala de uma delas:

a nossa professora chama a gente de animal, ela fala que somos animais, essas palavras machuca a gente, porque se ela é nossa professora, está dando aula pra gente, mas nós somos animais? Ela vive dizendo que vai ensinar a gente a ser gente, para deixar de ser esse bando de animais [...].

Se antes as meninas eram tratadas com um cuidado maior, devido às crenças em sua fragilidade, hoje parece haver uma convergência entre os sexos e suas atribuições. Por isso, as relações desenvolvidas no interior da escola são semelhantes àquelas do mundo trabalho e, as crianças e os jovens por sua vez, também reproduzem na escola as atitudes que prevalecem no mercado. Na vida profissional, a mulher é obrigada a demonstrar rigor e frieza emocional para subir na vida, contudo, esse novo modelo de gestão incluiu um discurso eficiente que chamou de inteligência emocional, cujo objetivo é garantir eficiência no cálculo empresarial e nos duros embates travados na concorrência mercadológica. Essa é apenas mais uma estratégia para manipular e regular funcionalmente os sentimentos. A emotividade que até então, estava restrita ao âmbito privado e identificada com a mulher foi capturada pelo capitalismo e transformada em uma técnica voltada à promoção da prosperidade.

Nessa perspectiva, Kurz (2000), considera que o sistema econômico autonomizado está apreendendo as normas, modelos e qualidades que antes estavam reservados ao espaço doméstico e a intimidade, a fim de instrumentalizá-los na lógica do dinheiro. Só nessa medida os homens de nossa época são mais emocionais que no passado, enquanto a mulher pode agora empregar de modo economicamente funcional suas qualidades (emotividade, afetividade etc) que deixaram de ser exclusividade sua. Para o autor, embora os meios de comunicação procurem apresentar o futebol feminino, o *strip-tease* masculino ou o casamento de homossexuais como um rompimento com a velha lógica de luta entre os sexos, trata-se apenas da redução economicamente funcional da vida doméstica dos sentimentos. A androginia consiste em que indivíduos de ambos os sexos mobilizem em

igual medida ternura e dureza para a concorrência, e combinem a competência técnica à competência emocional, a fim de fazer avançar o processo de fazer e movimentar dinheiro.

O discurso contemporâneo sobre a desintegração da família nuclear tradicional busca responsabilizar o trabalho das mães pelo aumento da violência entre os jovens (PINHEIRO, 2013). Esse discurso desconsidera a história das mulheres das camadas populares, para quem o trabalho no capitalismo nunca foi alheio. Saffioti (1979) cita, como exemplo, relatos e descrições em que na Inglaterra do século XIX, se desenvolvia o trabalho feminino. Segundo tal relato, um fabricante teria informado que em seus teares mecânicos empregava exclusivamente mulheres, dando preferência às casadas que tinham em casa uma família que dependia de seu salário, pois estas eram muito mais ativas e cuidadosas que as mulheres solteiras; ademais, a necessidade de garantir o sustento de sua família as obrigava a trabalhar com muito mais afinco.

Não se trata, portanto, de ver no trabalho das mulheres isoladamente elementos da degradação das relações familiares, escolares etc. No atual processo de desintegração social, quando o privado se torna um assunto público e o público está sendo privatizado, as formas dominantes de exploração e apropriação do valor (mais valia), deslocam-se e aparecem em formas cada vez mais complexas: no interior das instituições, dos grupos sociais, dos indivíduos. Nesse contexto, aparecem as identidades múltiplas e flexíveis, lado a lado com a ilusão de que a relação desigual entre os sexos é algo do passado. Alguns acreditam inclusive, que a emancipação feminina já se concretizou.

Mas, segundo Kurz (2000), por trás desta aparente libertação da opressão da identidade, um olhar sobre as realidades sociais nos permite desvendar a nova flexibilidade forçada e decifrar os supostos avanços da globalização. Na realidade, a crise do capitalismo está longe de significar a sua abolição e não promete nada senão destruição. Não é a redução do papel do Estado face à concorrência globalizada que possibilita sua ultrapassagem; tampouco o sujeito, como forma de camisa-de-força do indivíduo desaparece, ao invés disso, ele realiza-se na sua barbarização, enquanto, masculino, branco e ocidental. Para o autor, já se tornou evidente – em âmbito mundial – que são em primeiro lugar as mulheres as vítimas do atual desenvolvimento capitalista, alvo tanto do ódio e da violência desencadeados pela barbárie avançada, como enquanto gestoras de uma crise que hoje as atingem tanto no espaço privado quanto no espaço público.

Tudo isso é “democraticamente” socializado para toda a sociedade. Multiplicam-se assim, os debates acerca dessa nova condição feminina nos meios de comunicação de massa. Mas, a violência permanece latente, pois, não se romperam os velhos mecanismos



da ordem. Marx (2006) deixou claro que na sociedade moderna, a reificação capitalista foi associada à dominação patriarcal, cuja lógica se reproduz no interior das famílias burguesas, fundadas sobre o poder masculino. Desse modo continuam valorosas suas críticas para o estudo da questão da mulher. Reificando-se a mulher, reifica-se também o homem, pois quem se satisfaz com um objeto quem não tem necessidade de entrar em relação com outro ser humano, perdeu toda sua humanidade. Por isso, concordamos com o autor, o qual considera que a verdadeira libertação da mulher só é possível como processo geral de humanização do gênero humano.

## Referências

- COSTA, J. F. *Violência e psicanálise*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- EAGLETON, T. *As ilusões do pós-modernismo*. Tradução: Elisabeth Barbosa. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1998.
- GIDDENS, A. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São PAULO, UNESP, 1993.
- KURZ, R. *Virtudes femininas: a crise do feminismo e a gestão pós-moderna*. [on-line], 09 jan 2000. Disponível em: <<http://obeco.planetaclix.pt/>>. Acesso em: 18.01.2014.
- MARX, K. *Sobre o suicídio*. Tradução: Rubens Enderle; Francisco Fontanella. São Paulo: Boitempo, 2006.
- SCHOLZ, R. O valor é o homem: teses sobre a socialização pelo valor e a relação entre os sexos. Tradução de José Marcos Macedo. São Paulo: *Novos Estudos – CEBRAP*, n. 45 – julho de 1996, pp. 15-36.
- SCHOLZ. A teoria da cisão de gêneros e a teoria crítica de Adorno. In: SCHWARZ, M.; CEVASCO, E.; OHATA, M. (Orgs.). *Um crítico na periferia do capitalismo: reflexões sobre a obra de Roberto Schwarz*. Tradução: Marcos Branda Lacerda. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- PINHEIRO, V. A política social como estratégia do Estado no enfrentamento da violência juvenil. In: LAGO, M. P do; MOZZER, G. N. de S.; SANTIBANEZ, D. A. (Orgs.). *Adolescência: temores e saberes de uma sociedade de conflito*. Goiânia: Câneone, 2013.
- SAFFIOTI, H. I. B. *A mulher na sociedade de classes*. Petrópolis/RJ: 2ª. Ed. Vozes, 1979.

VOGELE, J. *O lado obscuro da capital: “masculinidade” e “feminilidade” como pilares da modernidade.* [on-line], 2007. Disponível em:  
<<http://obeco.planetaclix.pt/>>. Acesso em: 18.01.2014.